

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NATUREZA HUMANA EM KANT E FREUD E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIVILIZAÇÃO

(Considerations about the human nature in Kant and Freud and its implications for the development of the civilization)

Leysérée Adriene Fritsch Xavier

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar dois pontos de vista, o kantiano e o da psicanálise, no que diz respeito à natureza humana, a partir das obras *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784), de Kant e *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930), de Freud, com o propósito de procurar suas aproximações e suas diferenças. Busca detectar os possíveis avanços realizados pela teoria psicanalítica em relação às contribuições da filosofia de Kant, procurando sustentar o argumento segundo o qual Kant teria antecipado algumas noções psicanalíticas como a das pulsões e, ainda, a de desejo insatisfeito. Também mostra que partindo de concepções semelhantes, cada um dos pensadores vislumbra uma possibilidade diferente para o futuro da humanidade. Kant parece otimista, enquanto Freud permanece cauteloso e descrente com relação à possível superação do conflito básico humano.

Palavras-chave: Natureza humana; razão; progresso; antagonismo; pulsões.

Abstract: This article seeks to analyze the Human Nature according to both Kantian and Psychoanalyst standpoints, as stated in Kant's "*Idea for a Universal History from a Cosmopolitan Point of View*" (1784) as well as in Freud's "*The Future of an Illusion*" (1927) and "*Civilization and its Discontents*" (1930), searching for its differences and points of convergence. The article aims to detect the steps forward that Psychoanalytic Theory has possibly accomplished in the face of Kant's philosophy contribution, and sustains that Kant would have anticipated some psychoanalytical notions, as the ideas of Instinct and of Dissatisfied Wish. It will also demonstrate that, from similar conceptions, each thinker figures out distinct possibilities for the future of mankind. But no matter how sanguine Kant's influence had been, it was not enough to divert Freud from doubting if Man could ever overcome his basic conflict.

Key-words: Human Nature; reason; progress, antagonism; instinct (Trieb).

Introdução

O pensamento de Kant na obra *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784), se desenvolve de modo que nos é possível estabelecer uma leitura que vislumbra as condições de possibilidade de uma história do mundo cujo fio condutor seja *a priori*.¹ Segundo esta interpretação, é possível ver na sua obra o propósito de lançar as bases de uma história *a priori* ao lado da história empiricamente construída. Para tanto, o filósofo tece nove proposições em cujas linhas nos oferece, também, subsídios para compreender a noção de natureza humana. Esta, no entanto, não se esgota neste texto, mas continuou a ser desenvolvida no decorrer de suas inúmeras obras. Porém, para o nosso propósito, tanto de analisar quanto de verificar as possíveis contribuições para a teoria psicanalítica, nos deteremos apenas nele.

Tampouco Freud se debruçou em um trabalho exclusivamente dedicado a tratar do tema da natureza humana e da história do mundo, mas podemos colher dados em diversas partes de sua extensa obra. Assim, escolhemos duas, *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930), nas quais ao analisar a função da religião e o estatuto da civilização, nos oferece dados suficientes sobre tais temas.

A natureza humana e a história em Kant

Para Kant, uma história que considerasse unicamente o enfoque individual para sustentar seus argumentos mostrar-se-ia irregular em contrapartida a uma abordagem de conjunto. Esta última, privilegiando o aspecto de conjunto da espécie, lograria detectar um desenvolvimento progressivo das disposições do homem que, feito de outra forma, teria seu resultado prejudicado. Assim, percorrendo o quadro das suas proposições, nos é possível apreender uma perspectiva bastante clara de quais sejam essas disposições originárias que estariam contidas, por fim, na noção de natureza humana.

No enfoque histórico adotado por Kant no texto citado, a natureza apresenta um “curso uniforme e ininterrupto”² ou um propósito que permite a construção de uma história a partir de um plano para o ser humano. Este, ignorando o fio condutor que o liga a esse propósito da natureza, age, por si só sem nenhum plano, de modo a satisfazer seus próprios interesses.

Na primeira proposição, Kant discorre sobre a teleologia da natureza, onde as leis naturais condicionam o desenvolvimento das disposições que todos os animais trazem consigo ao nascer, incluído aí, o ser humano. Portanto, são elas capacitações inerentes ao ser que para cumprir com a sua finalidade no mundo, deve avançar no sentido de um desenvolvimento. As disposições originárias, estando inseridas dentro de uma intencionalidade da natureza, destinam-se ao progresso como fim natural da espécie humana.

Na segunda proposição, Kant nos diz que as disposições originárias vinculadas à faculdade da razão progridem aos poucos, de modo que o pleno desenvolvimento racional se efetiva somente na espécie e não no indivíduo. O grau de desenvolvimento aspirado pelo propósito da natureza só pode ser alcançado através do exercício continuado da faculdade da razão no decorrer de inumeráveis gerações.

A terceira proposição refere-se a uma natureza humana que comporta um aspecto instintivo e outro racional, sendo que por meio da razão o homem libertar-se do controle exclusivo do instinto. A natureza dotou-o com a razão e com a liberdade da vontade a fim de que ele, por seu intermédio, possa adquirir independência dos instintos. A intenção da natureza é que o homem possa atingir dignidade através do trabalho e do desenvolvimento, não estando ela interessada no bem-estar ou na felicidade que não sejam advindos pelo esforço do próprio ser. Assim, a aparelhagem instintual inata não deve servi-lo como guia exclusivo e ele, tampouco, deve se contentar com o simples desfrute de um acomodado bem-estar, mas precisa mostrar-se merecedor de felicidade. Nesta proposição, pensamos encontrar dentro do quadro das disposições originárias, duas espécies, uma racional e outra instintiva, sendo que o desenvolvimento de uma não implica no desaparecimento da outra, mas, sim, que a primeira possa subjugar a segunda, ficando em uma posição dominante em relação a ela. Segundo Kant, a natureza espera do homem que este privilegie o desenvolvimento da sua faculdade racional.

Na quarta proposição nos diz que “O meio de que a natureza se serve para realizar o desenvolvimento de todas as suas disposições é o antagonismo delas na sociedade ...”³ Kant designa por antagonismo, a insociável sociabilidade do ser humano, aspecto este da natureza humana que, ao fazê-lo procurar os seus pares, acaba ligando-o, por outro lado, a uma ameaça ou possibilidade de dissolver esta mesma união social. O ser humano está aqui dividido entre duas tendências opostas. Esta disposição antagonica é algo evidente na natureza do homem. Ao lado da sociabilidade ou da inclinação a associar-se a outros semelhantes, o homem tem uma tendência a separar-se deles, esperando uma oposição dos outros com relação aos seus interesses, assim como tendo em si a inclinação a fazer-lhes oposição. Esta oposição aguça o querer projetar-se e o desejo de ter influência sobre os outros e também o querer dominar, de forma que, pelo despertar da cobiça, o homem é capaz de superar sua propensão à preguiça, saindo da inércia e da indolência.

A oposição aos outros o leva a uma preocupação consigo mesmo, procurando ter uma supremacia e um domínio sobre os demais. Este poder lhe causa satisfação e só assim ele acaba por suportar os outros. O homem tolera uma “...posição entre companheiros que ele não atura, mas dos quais não pode prescindir.”⁴ Esta multiplicidade de coisas constitui os passos que conduzem o homem de um estado de rudeza ao de cultura, transformando “as toscas disposições naturais para o discernimento moral”,⁵ ficando implícito a passagem de um estado patológico para outro moral, com o acesso à cultura acarretando uma iluminação. Para Kant, as qualidades de insociabilidade são necessárias, pois são elas as motivações que fazem com que o homem se desenvolva e sem as quais ele permaneceria estacionado em um cômodo bem-estar. Para que as disposições originárias possam se desenvolver é preciso o antagonismo na forma de atritos e confrontos. O motor do progresso está nesse confronto e em tudo o que o

homem tem de pior. Kant diz: “Agradecemos, pois, à natureza a intratabilidade, a vaidade que produz a inveja competitiva, pelo sempre insatisfeito desejo de ter e também de dominar.”⁶

Desta forma, o homem quer a concórdia enquanto a natureza quer a discórdia; ele quer abandonar-se à indolência, mas a natureza o lança à luta e ao trabalho, onde os talentos devem ser lavrados para que se desenvolvam. A natureza não o deixa viver comodamente. As forças da insociabilidade e os impulsos naturais de oposição são fatores que impelem a uma tensão renovada das forças. Vale salientar que estamos tratando das seguintes forças antagônicas: inclinação animal x criatura racional; associar-se x separar-se; preguiça x ânsia de dominação. A luta entre elas leva, como dito, da rudeza à cultura. Notamos claramente que existem dois pólos de forças que se antagonizam, estando em constante luta um com o outro. O desenvolvimento vem precisamente deste embate fadado a nunca cessar. A função da insociabilidade é promover o movimento. Percebemos que há necessidade de pensar o movimento como fator de acesso ao progresso. Se nada impelisse o homem a se mexer, este permaneceria acomodado, entregando-se pouco a pouco a total inércia.

A referência ao “sempre insatisfeito desejo”, aponta para outro aspecto inerente ao homem: nunca sentir-se realizado a ponto de parar com sua busca. Esta, em verdade, é eterna e lança-o infundavelmente de objeto em objeto, na ânsia de satisfazer um desejo que é, por natureza, insatisfeito.

Na quinta proposição Kant destaca o seguinte problema: a natureza impõe à espécie humana a tarefa de “alcançar uma sociedade civil que administre universalmente o direito.”⁷ O desenvolvimento das disposições só pode ser alcançado em sociedade e, mais precisamente, naquela sociedade que por admitir a máxima liberdade promove o antagonismo daqueles que dela participam. Para Kant, “...a natureza quer que a humanidade proporcione a si mesma este propósito, como todos os outros fins de sua destinação.”⁸ Então, o objetivo mais nobre que a natureza dá ao homem é construir uma sociedade onde se encontre uma “constituição civil perfeitamente justa.”⁹ Somente através de uma tal sociedade na qual liberdade e justiça ou direito caminhem juntos é que é possível à natureza chegar aos seus outros propósitos. O que leva o homem a aceitar a coerção da sociedade é a necessidade que os homens ocasionam uns aos outros. Para Kant, a ordem social é fruto da insociabilidade.

Na sexta proposição diz que o homem tem “necessidade de um senhor que quebre sua vontade particular.”¹⁰ O problema é encontrar esse senhor. Como encontrá-lo em um ser humano que precisa e deve ser justo ao mesmo tempo que, enquanto homem, traz todas as suas inclinações? Isto parece implicar uma impossibilidade. Mas, essa é a dificuldade inerente à natureza humana, pois “...de uma maneira tão retorcida, da qual o homem é fruto, não se pode fazer nada reto.”¹¹ Vemos aqui uma referência ao aspecto de imperfeição do homem. Ele não é certamente um ser acabado que, como tal, dispensasse o discernimento racional ou a voz da razão. Portanto, a tarefa proposta aqui não encontrará tão cedo uma solução adequada.

Assim, explica na sétima proposição que o estado civil oferece outra coisa que não os males que oprimiam os indivíduos antes da sua entrada em sociedade. Podemos entender que o estado civil garante uma ordem de funcionamento, onde os homens adquirem direitos e deveres, precisando cercear seus impulsos de dominação e de tudo querer fazer a seu modo. Mas, uma constituição civil ideal depende da relação entre os Estados. Neste estágio, Kant desloca as qualidades das disposições originárias dos indivíduos para o relacionamento entre os Estados e encontra o antagonismo operando de novo, mas, desta vez, na dimensão entre Estados. Assim como os seres racionais são egoístas e interesseiros, o Estado tem também interesses egoístas. Ele diz: “A natureza se serviu novamente da incompatibilidade entre os homens, mesmo entre as grandes sociedades e corpos políticos desta espécie de criatura, como meio para encontrar, no seu inevitável antagonismo, um estado de tranqüilidade e segurança...” e, assim, deixar o “Estado sem leis do selvagem para entrar em uma federação de nações...”¹² saindo, portanto, da situação de miséria anterior. E da mesma forma que o selvagem abdicou da liberdade e procurou tranqüilidade e segurança em um Estado civil, este mesmo Estado deve estabelecer relações de tranqüilidade com os outros Estados. Ser um “Estado cosmopolita de segurança pública entre os Estados.”¹³ A natureza segue “...um curso regular para conduzir a nossa espécie aos poucos de um grau

inferior de animalidade até o grau supremo de humanidade...”¹⁴ Mas há que cuidar para que, neste processo, o Estado “...não elimine todo perigo, para que as forças da humanidade não adormeçam...”¹⁵

A oitava proposição diz que a história humana pode ser considerada “...como a realização de um plano oculto da natureza para estabelecer uma constituição política perfeita...”¹⁶ Kant adverte que a experiência não nos mostra um mundo com tal constituição porque a existência da humanidade é ainda muito curta. O filósofo percebe que a colocação de empecilhos para a busca do bem-estar afeta a atividade individual, cujo baixo rendimento se reflete no todo do grupo ou do Estado. Porém, com o Iluminismo restaura-se gradativamente a liberdade, onde é possível aos homens retirar dos acontecimentos algo de bom e mesmo os propósitos ambiciosos e egoístas dos Estados, garantem que a finalidade da natureza permaneça em curso ou andamento. Há a esperança de que advenha “um dia aquilo que a natureza tem como propósito supremo, um Estado cosmopolita universal, como o seio no qual podem se desenvolver todas as disposições originais da espécie humana.”¹⁷

Na nona proposição, por fim, vemos como possível a “tentativa filosófica de elaborar a história universal do mundo segundo um plano da natureza que vise à perfeita união civil na espécie humana...”¹⁸ Trata-se, para Kant, de um projeto útil, onde cabe expor como sistema o propósito final da natureza que, de outra forma, seria algo sem planejamento. Partindo da história antiga, é possível descobrir, entre ganhos e perdas, “um curso regular de aperfeiçoamento da constituição política em nossa parte do mundo.”¹⁹ Otimismo: o fio condutor que abre esperanças.

A natureza humana e a civilização em Freud

Freud sempre esteve interessado pelas questões referentes ao reflexo psicológico do homem na cultura, isto é, buscou compreender até que ponto a civilização se reveste dos aspectos inerentes à porção psíquica do homem. Com esse propósito, Freud escreveu duas obras, nas quais privilegia a discussão sobre esse tema. São elas, *O futuro de uma ilusão*, de 1927 e *O mal-estar na civilização*, de 1930.

Na primeira Freud trata do paradoxo que há entre o empenho do homem em construir e levar avante a civilização e a sua hostilidade para com ela, a ponto de ser preciso defendê-la de seus próprios impulsos hostis. Explica-nos que deve-se “...levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais...”²⁰ quando se aborda essa questão, assim como o fato de que a civilização ergue-se às custas da coerção e da renúncia à satisfação pulsional.²¹ Os sacrifícios pulsionais exigidos pela civilização proíbem, frustram e privam o sujeito de satisfações que, de outro modo, poderiam ser obtidas. Por serem “preguiçosas e pouco inteligentes”, às massas não se pode dispensar a coerção, sendo necessário um líder para dirigi-las, na pessoa de alguém que tenha alcançado uma compreensão e um domínio maiores quanto às necessidades da vida. Mas, onde encontrar tal pessoa que pela sua retidão inspirasse confiança e autoridade? Não é fácil, tendo em vista que o homem carrega uma diversidade de disposições pulsionais, algumas patológicas, além de ter limites para o quanto possa aprender.

Entretanto, através dos avanços e progressos, a civilização logrou a façanha de colocar dentro do sujeito, na forma de uma instância fiscalizadora, um agente mental para controlá-lo: o superego. O “...superego constitui uma vantagem cultural muito preciosa no campo psicológico. Aqueles em quem ele se realizou são transformados de opositores em veículos da civilização.”²² É dizer que através da coerção internalizada, aquilo que no sujeito o levava a se contrapor à civilização – a agressividade -, agora é colocado a seu serviço. Neste texto, Freud analisa a função dos mitos e das religiões que, para ele, teriam o propósito de tornar mais suportável ao homem o seu desamparo enquanto criatura humana, como uma espécie de defesa contra a superioridade da natureza que, às vezes, pode ser esmagadora. Por fim, classifica as idéias da religião como ilusões. Mas, não nos deteremos nesta questão das religiões, pois nosso interesse não é a natureza delas e sim, a natureza humana.

A civilização, com a pressão que exerce com a solicitação às pessoas para renunciarem à satisfação pulsional, logra atrair a hostilidade dos seus cidadãos. Porém,

adviria vantagem na abolição da civilização? Colocada a pergunta de outra forma, não encontraria o homem mais felicidade em satisfazer as inclinações, livre das proibições impostas pela sociedade? Outra vez se apresenta o paradoxo. Foi precisamente para se proteger dos elementos da natureza e da hostilidade entre seus semelhantes que o homem recorreu à civilização. Com a sua abolição restaria, novamente, o estado de natureza do homem, justamente do qual precisou se proteger. A natureza é indomável, trazendo inúmeros perigos como a morte, tempestades e doenças, chegando mesmo a ser cruel. Assim, a reunião em sociedade protege-o das adversidades naturais. No entanto, segundo Freud, é grande o número de pessoas insatisfeitas com o jugo da civilização.

A segunda obra de Freud que nos interessa é *O mal-estar na civilização* de 1930. Esta dá prosseguimento às questões presentes no texto citado anteriormente sobre o propósito da vida, o papel da religião e o preço a pagar por estar inserido na sociedade. O antigo paradoxo ainda o acompanha. Ele diz: "... nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas. Chamo esse argumento de espantoso porque, seja qual for a maneira por que possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização."²³ Constata que o homem busca a felicidade e o prazer, encontrando, porém, um mundo claramente em desacordo com um tal estado de felicidade. O princípio do prazer "...domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja feliz não se acha incluída no plano da Criação."²⁴

Com o propósito de evitar o sofrimento, o homem dispõe de algumas alternativas ou métodos como o isolamento voluntário; a influência química que inviabiliza o recebimento de impulsos desagradáveis; o aniquilamento do desejo; a reorientação dos objetivos pulsionais através da sublimação; a religião e a neurose. Freud aponta ainda para a falha na principal função da civilização, a de oferecer proteção. Esta tem um duplo intuito: proteger o homem da crueldade da natureza e, através de regulamentos e leis, protegê-lo também da hostilidade dos seus semelhantes. Assim, o ser humano deve controlar sua agressividade ao lado de assimilar uma série de exigências quanto à ordem, limpeza, disciplina, entre outras coisas. Mais uma vez, o que a civilização pede, fere a natureza humana, pois "...os seres humanos revelam uma tendência inata para o descuido, a irregularidade e a irresponsabilidade em seu trabalho..."²⁵

Para Freud, a civilização se desenvolve às custas da sexualidade. O amor requer apenas o par apaixonado onde um terceiro seria intromissor. Mas, a civilização é dependente da manutenção de múltiplos vínculos entre os indivíduos e, assim, não permite ao par amoroso se fechar em si. Além do sacrifício da satisfação sexual, a civilização pede outros sacrifícios. Um deles é indicado pelo preceito "amarás o teu próximo como a ti mesmo". Freud se pergunta sobre qual a finalidade desta exigência e desenvolve seu raciocínio levando em consideração a dificuldade de executar este mandamento tendo em mente a questão da agressividade. Para ele, a agressividade é uma "característica indestrutível da natureza humana", além de dizer que o homem, em certas condições, se revela "como uma besta selvagem," onde a consideração para com os outros lhe é uma coisa estranha, porquanto seja grande a quota de agressividade que traz em si.

Trata-se de uma inclinação natural ou de uma hostilidade primária que perturba e ameaça o convívio entre os homens. Cabe, então, à civilização o esforço para controlar as pulsões agressivas dentro de certos limites. O controle se dá através de formações reativas e métodos que estimulam tanto identificações, quanto relacionamentos de amor cuja finalidade sexual seja inibida, como relacionamentos de amizade, o que acaba por restringir a vida sexual. Apesar dos esforços, a civilização não tem conseguido muito sucesso, principalmente, quanto às expressões refinadas de agressividade. As idéias com relação a uma convivência harmoniosa se revelam ilusões. Assim, a agressividade está na base das relações afetuosas

entre as pessoas, fazendo uma ressalva, talvez, ao relacionamento entre mãe e filho homem. Não é tarefa fácil livrar-se desta inclinação e como já assinalamos, Freud a considera indestrutível. O que resta a fazer é procurar um escoadouro para esta pulsão. É comum verificar grupos que rivalizam e se chocam com outros mais próximos.²⁶

A frustração sexual e a restrição pulsional são dolorosas. A humanidade não pode se sentir feliz enquanto pressionada a fazer sacrifícios da sexualidade e da agressividade. Além do sacrifício à sexualidade, a civilização pede que se sacrifique a satisfação pulsional agressiva através do mandamento: ama o próximo. Desta forma, o homem trocou uma parcela de felicidade pela segurança.

Freud percebe que ao lado das pulsões de vida existe uma corrente contrária, chamando-a de pulsões de morte.²⁷ Quanto à civilização, ele diz: a “...inata inclinação humana para a ruindade, a agressividade e a destruição e também para a crueldade” e, “A inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição pulsional original e auto-subsistente (...) ela é o maior impedimento à civilização” e ainda, “A natural pulsão agressiva do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra um, se opõe a esse programa de civilização.”²⁸ Desta forma, o significado da civilização é a luta entre Eros e a morte.

Ele se pergunta quais os meios que são utilizados pela civilização para inibir a agressividade. O que acontece no indivíduo para “tornar inofensivo seu desejo de agressão?” Em resposta reconhece a introjeção da agressividade ou a sua internalização, apontando para o fato de que ela é assumida pelo superego como consciência. A tensão decorrente entre ego e superego causa o sentimento de culpa. Segundo ele, a civilização “...consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada.”²⁹ Com a instância superegógica a autoridade é internalizada, pois a agressividade passa às mãos do superego que, então, pode usá-la contra objetos exteriores ou contra o próprio sujeito. Para Freud, uma consciência vigilante é a marca que distingue um homem moral. Para evitar a perda de amor da autoridade, o ego renuncia à satisfação pulsional, mas, no entanto, para o superego a renúncia não basta já que o desejo persiste. Freud fala em termos de ambivalência de sentimentos de amor e destruição como fazendo parte do cotidiano.

Freud quis mostrar que o maior problema no desenvolvimento civilizatório está no fato de ser preciso pagar um preço pelo sacrifício da satisfação pulsional que é, ao final, após instaurada a agressividade no superego, ter um grande sentimento de culpa. Deste modo, a esperança de felicidade vai-se embora e o que sobra é o sujeito dividido entre seus impulsos e a culpa que impede a sua satisfação, entre a possibilidade de satisfação e o perigo de perder o amor dos objetos libidinais, enfim, entre a inclinação e as exigências do superego e da civilização. Sentimento de culpa é, neste contexto, uma das expressões para designar a ansiedade. Esta pode ser experimentada conscientemente como tal ou se manifestar de forma difusa como uma sensação difícil de precisar ou um mal-estar.

A luta entre Eros e instinto de morte caracteriza assim o processo de civilização, assim como o processo de desenvolvimento individual. Podemos notar que o desenvolvimento do indivíduo é um produto da interação entre duas correntes: a felicidade própria ou egoísmo e a união com os outros ou altruísmo. Para a civilização, a felicidade fica em segundo plano e o que mais importa é criar uma comunidade. Desta forma, também o projeto individual se choca com os objetivos do projeto civilizatório, mas não envolve os mesmos elementos do conflito entre Eros e morte. No caso do indivíduo e comunidade, o que está em jogo é a distribuição libidinal entre o ego e os objetos do mundo externo. Um privilégio a qualquer um dos dois, torna o outro mais esvaziado e vice-versa. Freud notou que a comunidade também tem um superego, o superego cultural. A ética trata das relações entre os indivíduos, trabalhando, assim, com o grande problema da civilização que é a inclinação para a mútua agressividade. A formulação do mandamento de amar ao próximo como a si mesmo vem, portanto, do superego cultural. Duas censuras são feitas por Freud ao superego individual: na sua severidade pouca atenção dá à felicidade do indivíduo e ele não leva em conta as dificuldades do mundo externo. Do mesmo modo, o superego cultural não se preocupa com a constituição psíquica dos indivíduos, pois “Emite uma ordem e não pergunta

se é possível às pessoas obedecê-la. Pelo contrário, presume que o ego de um homem é psicologicamente capaz de tudo que lhe é exigido, que o ego desse homem dispõe de um domínio ilimitado sobre seu id.”³⁰

Análises e conclusões

Kant e as disposições originárias antagônicas

Para Kant, como vimos, o ser humano nasce dotado de certas disposições, como uma bagagem inata, cujo destino é passar por um processo de desenvolvimento crescente através das gerações. Assim, a natureza humana traz as disposições originárias que compreendem, por um lado, os instintos e por outro, a razão. Por parte da natureza há uma expectativa, como componente da destinação do ser racional, de que as disposições originárias racionais progridam mais em relação às instintuais. Espera-se que o homem tenha como bússola e guia a sua razão e não a sua inclinação. Desta forma, as duas espécies de disposições são antagônicas e lutam entre si, sem, no entanto, que uma vença de maneira permanente a outra. As paixões e inclinações continuarão existindo mesmo com o máximo desenvolvimento da capacidade racional, o que quer dizer que o contínuo progresso e desenvolvimento da faculdade da razão não condiciona o desaparecimento da porção instintual. Trata-se de uma luta eterna, pois o conflito está na base da natureza humana. Percebemos que Kant não nega a irracionalidade nem a inclinação, mas percebe o conflito entre a sensibilidade e a razão como sendo o motor do desenvolvimento. Também aponta que pelo fato de necessitar de desenvolvimento e possuir dois aspectos antagônicos no seu ser, o homem tem um caráter de incompletude (ou poderíamos também dizer que ao contrário dos animais que têm sua existência determinada pelos instintos, ao homem que não tem seus comportamentos previstos desta forma, foi dado o poder de escolha e decisão).

Freud e as disposições pulsionais opostas

Por sua vez, como podemos entender a natureza humana através das duas obras freudianas? Para Freud, como vimos, fazem parte da natureza humana as pulsões de vida e de morte. Pulsão (*Trieb*) é, em uma de suas acepções, uma força ou energia constante que pressiona o sujeito a partir do interior do corpo, impelindo-o à ação e da qual ele não pode fugir. O conceito de pulsão sofreu modificações no decorrer do tempo. Em *As pulsões e suas vicissitudes*, de 1915, Freud situou a pulsão no limite entre o somático e o psíquico, sendo ela o representante mental dos estímulos orgânicos. Enquanto estímulo físico, a pulsão tem sua manifestação como fenômeno orgânico, alcançando, depois, a mente como fenômeno psíquico ou como representação.

Mais tarde, foi formalizada uma nova teoria pulsional dualista de Freud – pulsões de vida e pulsões de morte -, na obra *Para além do princípio do prazer*, de 1920, a partir da qual aparecem os termos *Aggressionstrieb* e *Destruktionstrieb*, pulsão agressiva e pulsão destrutiva, respectivamente, para referir-se à orientação da pulsão de morte para fora do organismo. Há assim uma contraposição entre as pulsões de vida e as de morte. As primeiras aspiram a conservação da vida e a construção de unidades cada vez maiores, formando grandes agregados. As pulsões de morte, por outro lado, visam a desagregação e a destruição e, em certos casos, a autodestruição, no sentido de uma busca pelo retorno do organismo ao estado de repouso absoluto. As primeiras querem agregar, conservar e construir, enquanto as outras, por meio da agressividade, trabalham no sentido de destruir.

Em Freud, a natureza humana traz consigo a combinação dos dois tipos de pulsão, onde estas aparecem misturadas em diferentes proporções. O componente destrutivo da pulsão não causa apenas sofrimento, pois, ao lado da dor e do prejuízo, podem ser identificados satisfação e gozo.³¹ Trata-se, no entanto, de um gozo mortífero e, portanto, pode chegar a um nível em que o sujeito se coloque ou coloque outrem à mercê de sérios riscos ou perigos. Mesmo dentro do processo analítico vê-se a manifestação da pulsão de morte. São os casos onde aparece a reação terapêutica negativa, quando o paciente recusa-se a cooperar,

resistindo ao tratamento. Os dois tipos de pulsão, assim como em Kant, também estão em processo de disputa e, embora a um sujeito seja possível conviver bem com esse conflito, jamais será viável liquidar a agressividade. Este é um componente inerente ao ser humano.

Semelhanças e divergências entre as concepções consideradas

Como vimos, Kant contrapõe disposições instintuais à disposições racionais, referindo-se à noção de “insociável-sociabilidade”. Esta interessante expressão tem a originalidade de trazer em seu bojo a peculiaridade da espécie humana que compreende, no seu âmago, uma dicotomia. A quarta proposição faz referência a uma “tensão renovada das forças”, para indicar, mais uma vez, esta incessante luta entre dois lados. Freud, por sua vez, identifica o conflito por meio das pulsões de vida e de morte, contrapondo igualmente umas às outras. Para os dois pensadores são forças inatas e antagônicas que lutam pela supremacia. Por isso entendemos que Kant antecipa em mais de cem anos algumas concepções psicanalíticas, pois foi por via do antagonismo que Kant postulou o jogo pulsional e a divisão subjetiva. Deste modo, tanto Kant quanto Freud apresentam percepções muito semelhantes quanto à natureza humana. Mas, embora Freud tenha citado Kant várias vezes no decorrer do desenvolvimento de sua teoria,³² nunca fez menção quanto a ter ou não se inspirado no pensamento kantiano para formular a noção das pulsões. Assim, não sabemos se Freud teve contato ou não com esta obra de Kant, mas identificamos outras semelhanças que passamos a analisar.

Na terceira proposição de Kant vimos que a natureza não se interessa pelo bem-estar do homem ou sua felicidade, advindos de outra fonte que não o desenvolvimento da faculdade da razão. Já vimos o que Freud diz com relação a esta questão: a “...intenção que o homem seja feliz não se encontra no plano da Criação...”³³ A idéia de que ao homem cabe outro papel que não o mero desfrute acomodado da vida é coincidente nos dois autores. Para Kant é possível pensar em uma história da humanidade como sendo uma história do progresso das disposições originárias. Neste ponto, o antagonismo tem a função de tirar o ser humano da comodidade para incentivá-lo a trabalhar.

Na quarta proposição Kant se refere ao “sempre insatisfeito desejo” do homem. Na psicanálise, a noção de desejo é decorrente da noção de pulsão e da constatação da falta ou impossibilidade de um objeto de satisfação plena. Assim, como uma força interior que está continuamente pressionando o sujeito para a ação, a pulsão faz com que ele procure um objeto para sua satisfação. Esta necessidade de encontrar um objeto que satisfaça o desejo não é, no entanto, passível de ser suprimida. Não há objeto capaz de obturar totalmente aquilo que a pulsão e o desejo pedem ou demandam. E, neste sentido, o desejo jamais será satisfeito, o que faz com que o homem esteja sempre em marcha na sua vida.

Kant localiza o progresso justamente na disputa entre os antagonistas inclinação-razão, por conta de que são veículos do progresso. Freud localiza no superego a interiorização da lei como uma imposição social decorrente do desenvolvimento da humanidade.³⁴ Esta instância corresponde à voz da consciência. É pensar que corresponde também à porção do ser que se vincula à razão e ao poder de decisão. Assim, ao sujeito que traz em si essa consciência, nos diz Freud, cabe uma transformação de sujeito-opositor em sujeito-veículo da civilização. O que antes cabia ao desejo puro, opondo-se à civilização, depois do superego como detentor de autoridade, passa a ser motor da civilização.

Porém, Freud destaca o outro lado da questão e, percebemos aí, uma diferença, ainda que muito sutil, no que se refere ao modo de ver a discórdia. Enquanto Kant diz na quarta proposição: “Agradeçamos, pois, à natureza a intratabilidade, a vaidade, (...). Sem eles, todas as excelentes disposições naturais da humanidade permaneceriam sem desenvolvimento num sono eterno”, Freud nos diz que a civilização traz sofrimento e cogita que, talvez, o homem fosse mais feliz vivendo fora da sociedade. O psicanalista reconhece assim o peso determinante das pulsões na vida das pessoas na geração de inúmeros conflitos que podem levá-las à neurose, mas acreditando na possibilidade de lidar e de um saber-fazer³⁵ algo com o conflito através da análise. Este foi seu objetivo analítico. Para o psicanalista Luiz Hanns, apesar do aspecto imperativo de que as pulsões se revestem, o sujeito não precisa ficar

passivo diante do fato, mas pode enfrentá-las, dominá-las ou refreá-las. Pois, “O percurso do *Trieb* na teoria psicanalítica passa por níveis mais complexos: abrange a totalidade de um corpo integrado, inclui a síntese de pulsões parciais, bem como um amalgamento de pulsões contraditórias entre si, e implica uma circulação simbolizada. Considera aspectos econômicos, dinâmicos e tópicos em conexão com especificidades da história individual do paciente, bem como se liga a questões amplas da cultura. Envolve conceitos como a representação (*Vorstellung*), o desejo (*Wunsch*), a sublimação e muitos outros temas fundamentais, que não se reduzem ao nível biológico.”³⁶

Vemos na quinta proposição de Kant que a ordem social decorreu da insociabilidade. Para Freud, também, a civilização surgiu para proteger o homem da hostilidade da natureza e da agressividade entre os homens.

Para Kant, na sexta proposição, há necessidade de um senhor para administrar o convívio social. Também encontramos em Freud, em uma referência à preguiça do homem, a necessidade de um líder para dirigir as massas humanas. Ambos se questionam quanto a encontrar alguém suficientemente preparado para esta incumbência, pois mesmo um ser com grande capacidade racional ainda carrega a porção instintual ou a pulsão agressiva.

A sétima proposição diz que a sociedade fornece garantias ao homem selvagem, no sentido de dar-lhe direitos e deveres. Vemos em Freud um questionamento quanto a este ponto. Para ele é possível que um maior sofrimento advenha com a civilização. Vê no processo civilizatório uma condição para o desenvolvimento da neurose. O recalçamento da sexualidade tem a potencialidade de criar muitos problemas, assim como a repressão da agressividade pode causar mal-estar na forma do sentimento de culpa. Mas, vale recordar, também, que Kant se refere na oitava proposição ao prejuízo às atividades individuais em termos de qualidade quando a civilização impede o acesso do indivíduo ao seu bem-estar.

Há na natureza, segundo Kant, um plano oculto para uma constituição política perfeita. Deprendemos daí que há em alguma parte do homem um caráter de nobreza que tem condições de aflorar. Em Kant parece haver uma expectativa favorável quanto ao desenvolvimento humano através das gerações. Dificilmente podemos captar em Freud algo semelhante. Para Freud, a evolução da civilização acontece, sem dúvida, porém, ele percebe que ocorre, ao mesmo tempo, um mal-estar, uma infelicidade como alto preço a ser pago, seja ele, o contorno das pulsões de morte, quer pela sublimação, quer pelo recalçamento, assim como outros mecanismos que buscam atenuar ou eliminar o efeito destrutivo ou, ainda, convertê-lo em algo a favor da civilização. Também a sexualidade é outro fator problemático para a sociedade que precisa não só regulá-la, mas, também, reprimi-la. Então, parece que não há solução possível para o paradoxo que se apresenta quanto à civilização como um recurso para proteger o homem do seu próprio estado de natureza, ao mesmo tempo que o coloca em sofrimento por obrigá-lo a renunciar a seus desejos.

Neste ponto, Kant se mostra mais otimista, pois para ele o progresso advém paralelamente ao conflito e à discórdia. Desta perspectiva, a natureza se serve daquilo que na natureza humana é tido como ruim e devastador. Ela se utiliza do antagonismo das forças, da incompatibilidade entre homens e da discórdia, tal como uma ferramenta de trabalho para elevar aos poucos de grau a espécie humana e tirá-la da indolência à qual somos predispostos. E, mesmo com a eterna luta, ao homem é possível desenvolver-se ou estar melhor a cada geração passada. Ao lado do progresso é admitida a convivência com o conflito, sendo que o conflito é mesmo indispensável para estimular o desenvolvimento. Tampouco Kant concede importância às inclinações que foram frustradas, pois, segundo o seu pensamento, é justamente quando o ser racional, através do sentimento de respeito e da liberdade transcendental, age de acordo com o imperativo categórico, é precisamente aí que o indivíduo mostra um progresso. As inclinações são deslocadas para um segundo plano de menor importância e eclipsado pela superioridade da ação moral.

Já Freud, a partir de sua posição psicanalítica, reflete sobre o destino das inclinações recalçadas. A sua preocupação se assenta no estudo clínico que lhe indica que os conteúdos recalçados ou as pulsões não satisfeitas não se aquietam de uma maneira que, talvez, mais nos conviesse.³⁷ Desta forma, Freud não esconde seus temores quanto ao futuro

da humanidade e ao final de seu texto *O Mal-estar na civilização*, nos diz: “A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pela pulsão humana de agressão e autodestruição. (...) Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. (...) Agora só nos resta esperar que o outro dos dois ‘Poderes Celestes’, o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?”³⁸

Notas

¹Daniel Omar Perez, no texto *Os significados da história em Kant*, analisa a leitura de alguns comentadores sobre a solidez da noção de história em Kant e argumenta que, no filósofo alemão, não existe uma teoria unificada de história, mas “...o caminho para uma teoria da possibilidade das proposições da história”, p. 1.

²Immanuel KANT. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, p. 4.

³idem, p. 8.

⁴Ib., p. 8.

⁵Ib., p. 9.

⁶Ib., p. 9.

⁷Ib., p. 10.

⁸Ib., p. 10.

⁹Ib., p. 10.

¹⁰Ib., p. 11.

¹¹Ib., p. 12.

¹²Ib., p. 13.

¹³Ib., p. 15.

¹⁴Ib., p. 14.

¹⁵Ib., p. 16.

¹⁶Ib., p. 17.

¹⁷Ib., p. 19.

¹⁸Ib., p. 19.

¹⁹Ib., p. 21.

²⁰Sigmund FREUD. *O futuro de uma ilusão*, p. 17.

²¹Têm-se como regra estabelecida entre os psicanalistas a substituição do termo “instinto” por “pulsão” durante a leitura das Obras Completas da Edição Standard Brasileira. Desta maneira, também no presente trabalho essa substituição foi realizada.

²²Sigmund FREUD. *O futuro de uma ilusão*, p. 22.

²³Sigmund FREUD. *O mal-estar na civilização*, p. 105.

²⁴Idem, p. 95.

²⁵Ib., p. 113.

²⁶Para maior aprofundamento sobre esta questão do ponto de vista sociológico, ver excelente estudo realizado por Norbert Elias em *Os estabelecidos e os outsiders*, Jorge Zahar Editora.

²⁷Uma informação para nos situarmos: Freud introduz a questão da pulsão de morte em *Para além do princípio do prazer*, de 1920, onde diz que a manifestação de Eros é evidente, enquanto a pulsão de morte opera de forma silenciosa no organismo, destruindo-o.

²⁸Sigmund FREUD. *O mal-estar na civilização*, p. 142 e 144.

²⁹Idem, p. 147.

³⁰Ib., p. 168.

³¹A concepção freudiana de pulsões de vida e pulsões de morte é dualista, enquanto que Lacan era monista, formalizando um único conceito de gozo, o qual engloba a pulsão de vida e a de morte.

³²Freud citou Kant, principalmente, no que concerne à questão da lei moral e do superego.

³³Sigmund FREUD. *O mal-estar na civilização*, p. 95.

³⁴É importante salientar as duas vertentes superegóticas: seu lado destrutivo e agressivo decorrente da pulsão de morte e seu outro aspecto de consciência moral como herdeiro do Complexo de Édipo.

³⁵Lacan usou a expressão *savoir y faire* com o sintoma como saída do conflito neurótico no Seminário XXIII, *Le sinthome*, Éditions du Seuil, março de 2005.

³⁶Luiz HANNS. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, p. 354.

³⁷No texto *A angústia e o corpo* de Zelma Galesi, vemos o conceito freudiano de “representação incompatível” apresentado em *Neuropsicoses de defesa*, de Freud. Ela nos diz: “O eu do sujeito ao confrontar-se com uma experiência que suscita um afeto aflitivo, surgido do campo da experiência sexual, cria uma cisão na consciência, constitui uma defesa onde essa representação incompatível separa-se do seu afeto que permanece, no entanto, na esfera psíquica disperso”, p. 2.

³⁸Sigmund FREUD. *O mal-estar na civilização*, p. 170.

Referências Bibliográficas

- ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
Editora, 1974.
O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
Para além do princípio do prazer. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- GALESI, Zelma Abdala. A angústia e o corpo. Biblioteca virtual da Escola Brasileira de Psicanálise, www.ebp.org.br.
- HANNS, Luiz Alberto. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- KANT, Immanuel. Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. São Paulo: Martins Fontes Ed., 2003.
- LACAN, Jacques. Seminário XXIII, Le sinthome. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- PEREZ, Daniel Omar. Os significados da história em Kant.